

“As donas da cidade: práticas femininas das mulheres de elite em Itabuna (1940-1960)”

DA SILVA, Adriana Oliveira*

Segundo a historiadora francesa Michelle Perrot “desde que a história existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o lugar das mulheres na história dependeu das representações dos homens”¹. A reviravolta conceitual e metodológica no interior da disciplina aconteceria, porém, na década de 1970 e teria permitido a ascensão de sujeitos múltiplos outrora relegados à marginalidade, entre eles, destacam-se as mulheres. Os estudos sobre mulheres e sobre as relações de gênero ganharam espaço por questionar a idéia de sujeito único e hegemônico, centrado na figura masculina e por utilizarem os métodos propostos por esta Nova História esposada com as ciências sociais e seus métodos.

Os estudos sobre mulheres questionavam as velhas abordagens de História Política que privilegiavam as ações públicas dos homens e limitavam-se a situar a mulher no espaço privado. Tais estudos revelaram que, ali, no âmbito privado, a condição da mulher nem sempre esteve associada à submissão e a obediência, e que, em muitos casos, as mulheres transportaram para a esfera pública comportamentos e atitudes já muito comuns no ambiente doméstico. Assim, a ação política não estaria restrita ao campo da institucionalidade, mas ultrapassaria a fronteira entre o público e o privado². Além disso, os estudos que propunham alçar a mulher à condição de sujeito e objeto da História também favoreceram a inserção de novas categorias de análise, como a de gênero³, que permitiu entender homens e mulheres como sujeitos de múltiplas identidades sem perder de vista que a construção de masculino e feminino se dá a partir da relação entre eles.

O estudo de micro-recortes, como é o caso da cidade de Itabuna, ajuda a recuperar experiências históricas específicas de sujeitos que desenvolveram práticas políticas e sociais particulares, neste caso, as das mulheres membros das associações femininas. A partir disso,

* Estudante do Curso de Especialização em História do Brasil da UESC; Mestranda em História pela UEFS.

¹ PERROT, Michelle. *Une histoire des femmes est-elle possible?* Paris/Marsille: Rivages, 1984.

² Sobre a reinterpretação do conceito de ‘ação política’ ver: GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Org.: Rachel Soihet, Maria B. Bicalho e Maria de Fátima S. Gouvêa. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 21-44.

³ A partir da década de 1980, foi divulgada a obra: “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, da historiadora norte-americana Joan Scott, que mudou essencialmente os estudos sobre mulheres, inclusive no Brasil a partir do final dos anos de 1980 e durante os anos de 1990.

poder-se-á encontrar contribuições que possam ser somadas ou contrapostas às interpretações existentes em relação a outros contextos.

A atuação pública das mulheres de elite de Itabuna se concentram entre as décadas de 1930 e 1940 que marcaram um momento de preocupação mais acentuada com a política urbana da cidade. Localizada no sul da Bahia, Itabuna possuía cerca de 54.268 habitantes, segundo o censo de 1960. Mesmo com pouco mais de cinco décadas de emancipação, este dado populacional conferia à cidade a posição de segundo mais populoso município do interior⁴. A partir de 1955, sob administração de Francisco Ferreira e de José Almeida Alcântara, o poder público procurava assumir uma política de caráter “progressista” e “modernizadora”, buscando referendar este processo em meio à população, utilizando-se dos órgãos de imprensa e de associações assistencialistas que começaram a aparecer naquele momento, entre elas, as associações femininas que surgiram entre as décadas de 1920 e 1930 e permaneceram ativas durante várias décadas, algumas sobrevivem até a atualidade.

Ligadas às tradicionais famílias da chamada região cacauzeira, as mulheres participantes das associações femininas tiveram acentuada atuação no cenário social da cidade de Itabuna entre as décadas de 1930 e 1960. Os jornais da época dão conta da intensa intervenção dessas mulheres na esfera pública da cidade⁵. Suas ações variavam da socialização no âmbito da igreja, dos clubes de lazer e das sociedades políticas, chegando até ao trabalho assistencialista desenvolvido em consonância com o projeto de urbanização e modernização empregado em Itabuna no período.

Não se pode dizer que as associações femininas de Itabuna tiveram como modelo os movimentos feministas das primeiras décadas do século XX, marcados pela luta por direitos sociais e políticos⁶, embora apresentassem alguma semelhança com esses, pelo menos em sua composição social. As associações femininas de Itabuna arregimentavam esposas de políticos e empresários, freiras e mulheres de segmentos sociais mais abastados. No entanto, diferente das feministas das primeiras décadas do século XX que defendiam mais as conquistas políti-

⁴ SOUSA, Erahsto F. *Conceição em Retalhos de Cidade, margens e dono: Uma Itabuna-Ba nos territórios subalternos (1950-55)*. Monografia de Graduação. Ilhéus: UESC, 2007. p. 16.

⁵ Entre os jornais, destacava-se o *A Voz de Itabuna* e o *Diário de Itabuna*, periódicos utilizados para fazer convites de eventos e divulgar as obras assistenciais realizadas por estas associações.

⁶ VIEIRA, Cláudia A. *Mulheres de elite em movimento por direitos políticos: o caso de Edith Mendes da Gama e Abreu*. Dissertação de Mestrado em História. PUC/SP: São Paulo, 2002.

cas para as mulheres, as associações femininas de Itabuna pareciam está mais interessadas em desenvolver um trabalho de cunho social e filantrópico⁷.

A associação das Senhoras de Caridade, o Comitê Feminino do *Lions Clube* e as irmãs do hospital Manoel Novais foram algumas dessas agremiações que se desenvolveram na cidade durante os anos de 1950 e 1960. Essas associações pareciam não estar preocupadas em questionar os papéis sociais e de gênero consolidados na sociedade. Ao contrário, sua atuação no âmbito público, apesar de representar uma conquista para elas, também evidenciava que faziam questão de ressaltar os valores e estereótipos associados à figura feminina, como a “natureza materna” e o ideal de boa esposa e mantenedora do lar. Exemplo disso foram os cursos de economia doméstica, divulgados nos jornais e realizados pelo Departamento de Assistência Doméstica do *SEAC* (Sociedade Engenheiros Agrônomos do Cacau), organizado pela ala feminina desta entidade. Também foi de iniciativa desse grupo de mulheres ao lado do Comitê Feminino do *Lions Clube* a criação e manutenção do Clube das Mães, uma estrutura que contava com estatuto e planejamento anual de atividades em prol de mães e crianças das camadas populares⁸.

Longe de demonstrar uma fragilidade real, esse fato revela que nem sempre as mulheres usavam dos instrumentos identificados à luta pela emancipação feminina. Em muitos casos, rejeitava-os em função da utilização de recursos já comuns no universo de atuação política e social dos homens, como a própria consolidação de idéias e imagens que lhes possibilitasse a confiança e a concordância da sociedade sobre suas ações e conquistas, especialmente no que diz respeito à sua interferência na esfera pública⁹.

Campanhas de caridade em prol de crianças carentes, mendigos e doentes eram constantes entre essas associações. O Jornal *Diário de Itabuna* de 1960 trazia alguns anúncios e matérias das atividades desenvolvidas por estas associações para levantar fundos para a Casa dos Mendigos ou para recolher agasalhos e distribuir entre os mais necessitados. O Comitê Feminino do *Lions Clube*, por exemplo, encaminhou uma nota ao Jornal *Diário de Itabuna*

⁷ Idem, *Ibid.* p. 3. Ao tratar da trajetória de Edith Gama e das jovens da Ala Moça da Federação Baiana pelo Progresso Feminino, Claudia Vieira destaca que, com o passar do tempo houve um deslocamento da luta política para as obras assistenciais entre as feministas baianas. No entanto, a benemerência parecia ser uma das formas legítimas de intervenção e promoção do bem estar social para muitas dessas mulheres e era encarada como encargo social e político.

⁸ APMIJD. Jornal *Diário de Itabuna*. 1 de abril de 1959. Ano II. n.º. 418, p. 2.

⁹ Ver SOIHET, Rachel. *Transgredindo e Conservando, mulheres conquistam o espaço público: a contribuição de Bertha Lutz*. Labrys, Estudos Feministas, Brasília, n.1-2, s.p. jul.-dez. 2002.

em novembro de 1960, onde agradecia “a todas as pessoas que, estranhas ao *Lions Clube* colaboraram na sua Campanha para o “Natal dos Pobres” e avisava que os lenços, fronhas e enxovais para os recém nascidos, adquiridos para tal fim, seriam distribuídos no dia dia 11 de dezembro, às 9 horas na sede do *Lions Clube* de Itabuna”¹⁰.

Herdeiras de um modelo de família pautado nos valores da sociedade burguesa, as mulheres que compunham o Comitê Feminino do *Lions Clube* foram criadas nos moldes tradicionais católicos, onde a moral sexual diferenciada determinava o lugar hierárquico de homens e mulheres na sociedade. Essa formação pode ter influenciado a vida íntima e a atuação social dessas mulheres¹¹. A formação de um comitê interno, organizado e dirigido por mulheres, aparentemente não representou o rompimento dos pressupostos políticos do *Lions Clube*, que, antes mesmo dessa formação, já desenvolvia trabalhos de caráter assistencialista em Itabuna desde os anos de 1940¹².

O *Lions Clube* de Itabuna reunia entre seus membros figuras ligadas aos setores dominantes da sociedade. Políticos, empresários, comerciantes, intelectuais e fazendeiros integravam essa Associação que apesar de não está diretamente atrelada ao campo da política institucional, tinha representantes que ocupavam cargos na Prefeitura Municipal e na Câmara de Vereadores de Itabuna. Essa ligação sinalizava que as preocupações do *Lions Clube* refletiam em parte a forma como a elite itabunense se relacionava com os problemas sociais locais. Portanto, o interesse dos membros dessa Associação não era se confrontar diretamente com a questão social da cidade, mas realizar medidas para conter as diferenças e desigualdades existentes, tentando controlar os segmentos mais empobrecidos, evitando possíveis conflitos sociais.

Apesar de intituladas “domadoras”, por serem esposas dos “leões”, as mulheres do *Lions Clube* não ocupavam cargos de direção dentro dessa Associação¹³. No entanto, a criação de um Comitê Feminino, ao mesmo tempo em que atendeu aos preceitos morais e políticos daquela associação, pode ter representado uma outra maneira dessas mulheres criarem suas

¹⁰ APMIJD. *Jornal Diário de Itabuna*. 16 de novembro de 1960. Ano IV. n.º 996, p. 2

¹¹ No *Jornal Diário de Itabuna*, havia uma seção quinzenal chamado Diário Feminino que trazia imagens femininas associadas às tarefas do lar e maternas. Sugestões para ‘boa esposa’, culinária e moda eram algumas das orientações do caderno que talvez tenha influenciado o comportamento das mulheres de Itabuna.

¹² MENDES, Helena. *Figuras e fatos de Itabuna*. Rio de Janeiro : Barthel , 1967.

¹³ No *Jornal Diário de Itabuna* consta uma matéria de 05 de julho de 1960 destacando a eleição para a nova Junta Diretiva do *Lions Clube* de Itabuna, da qual participam e elege-se apenas os homens. Ver: APMIJD. *Jornal Diário de Itabuna*. 05 de julho de 1960. Ano IV. N.º 75, p. 01.

próprias formas de sociabilidade, ao passo que atuavam de maneira autônoma na comunidade itabunense, tendo acesso ao meio público sem estar à sombra de seus pais e maridos.

A atuação das mulheres das associações parecia estar sintonizada com o momento histórico ao qual Itabuna passava. O crescimento demográfico e econômico, impulsionados pelos números financeiros da monocultura cacaueteira, fez com que o poder público de Itabuna se dedicasse a regulamentar e padronizar os usos da cidade de maneira mais intensa que nos anos anteriores. Com isto, a inquietação com os setores sociais mais empobrecidos fez com que diversas ações fossem tomadas no sentido de controlar os espaços de aglomeração e as atividades populares existentes na cidade.

A imprensa itabunense reivindicava das autoridades políticas medidas mais eficazes para combater comportamentos que fossem considerados inapropriados pelas matérias publicadas nos jornais. Por conta disso, as investidas contra as práticas de jogo do bicho e de prostituição, e a existência de candomblés nas áreas urbanas foram frequentes, sob as justificativas das instituições de poder de que elementos como esses não se sintonizavam com os avanços de Itabuna.

As medidas de controle criadas pelos poderes públicos no sentido de ordenar as práticas urbanas dos sujeitos também foram acompanhadas da mobilização por parte do setor civil de Itabuna. Um dos problemas que chamou à atenção das associações foi a mendicância. A quantidade de mendigos existentes nas vias da cidade mais uma vez despertou instituições como *Lions Clube* e o *Rotary Clube* para atividades de caráter assistencialista e filantrópico. Entre as iniciativas dessas associações, destacava-se a construção e a consolidação da Casa dos Mendigos, cuja finalidade era abrigar a população de pedintes e de esmoleres existente em Itabuna¹⁴.

Acompanhado dessas mudanças, a Associação das Senhoras de Caridade reunia mulheres que já participavam do Comitê Feminino do *Lions Clube* como as senhoras Marlene Ferreira Carrilho, Eni Brandão, Ayran Botelho Pinto e Maria Veloso. Suas ações estavam voltadas para as obras de caridade ligadas àquela entidade e guardavam em si preceitos religiosos já bem difundidos na sociedade da época. Cabia a Associação das Senhoras de Caridade de Itabuna organizar e dirigir a Casa dos Mendigos, além de levantar fundos para atender às necessidades das mães carentes e menores desamparados. É possível que esses trabalhos ocu-

¹⁴ CARVALHO, Philippe M. S. de. A invenção de Itabuna: reformas urbanas e construção do progresso (1933 – 1960). Itabuna: Manuscritos, 2006.

passem boa parte do tempo dessas mulheres, já que, embora uma parte delas possuísse formação acadêmica, não exerciam suas profissões ou trabalhos fora de casa, pois isso era símbolo de desrespeito e afronta aos maridos na época¹⁵.

No entanto, a atuação social dessas mulheres se torna emblemática à medida que apresenta uma outra imagem de mulher, que não somente àquela associada a frágil figura feminina doméstica difundida pelos discursos essencialistas, mas também aquela que exerceu suas práticas para além das fronteiras privadas da sociedade. Ao passo que nos faz refletir sobre de que maneira as mulheres utilizaram dos valores sociais e dos papéis de gênero que lhes eram atribuídos como recurso ou tática para sua atuação na sociedade¹⁶.

A historiografia recente tem revelado que as pesquisas sobre mulheres e as relações de gênero tem sido um campo fecundo para a compreensão das relações de poder que permeiam simbólica, discursiva e materialmente as sociedades. Tais pesquisas contribuíram para evidenciar o papel da mulher nos diferentes circuitos da vida social, inclusive no âmbito da política. A velha idéia de que em sociedades de modelo patriarcal, onde o poder e a atuação na esfera pública eram reservados ao homem, enquanto a mulher deveria permanecer nos limites do lar, ou seja, na esfera privada, foi aos poucos sendo superada pela historiografia. O aparente “destino inexorável” das mulheres, isto é, a condição de reclusão, submissão e silenciamento sustentado pelo trinômio “esposa-mãe-mestra”¹⁷, foi em muitos casos, revisto e repensado pela produção historiográfica, fazendo emergir outros fazeres e propiciando novas leituras de práticas cotidianas desses sujeitos históricos.

No entanto, no caso da historiografia da zona cacauera a atuação das mulheres na sociedade não recebeu destaque por parte dos historiadores, ao contrário, a maior parte das pesquisas acabou contribuindo para a consagração do protagonismo dos homens que atuaram na cena política da sociedade daquela região. O historiador Antônio Guerreiro de Freitas discute o surgimento de uma “burguesia cacauera” ao se referir a fazendeiros e comerciantes exportadores que dominaram a cena política e econômica da cidade de Ilhéus¹⁸. No mesmo sentido seguiu Gustavo Fálcon que estudou os mecanismos de poder construídos pelos “coronéis do

¹⁵ Sobre a ideologia dos anos dourados ver: BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: *História das Mulheres no Brasil*. Org.: Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2006.

¹⁶ SOIHET, Rachel. *Op. Cit.* p.3

¹⁷ FERREIRA, Mary. Mulher e política no Maranhão. In: *Os poderes e os saberes das mulheres: a construção do gênero*. São Luís: EDFMA, 2001. p. 112.

¹⁸ FREITAS, Antonio Fernando G. de. *Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul*. Ilhéus: Editus, 2001.

cacau” mencionando alguns nomes que ocuparam as intendências e as entidades corporativas da região¹⁹. Ambos os autores não fizeram referências sobre o papel político e social desempenhado por mulheres da região. Por isso, este trabalho almeja colaborar para que esta lacuna seja preenchida na historiografia regional, buscando identificar o papel social das mulheres em Itabuna entre as décadas de 1940-1960.

A intenção é identificar o comportamento das mulheres da elite itabunense entre os anos de 1940 e início dos anos de 1960, investigando de que maneira se utilizavam dos trabalhos assistencialistas como forma de inserção e interferência no meio público, já que o espaço da política institucional esteve aparentemente fechado à atuação feminina na cidade de Itabuna no período mencionado. Suas ações foram reconhecidas e destacadas tanto pelos órgãos do poder local como pela imprensa, o que demonstra o impacto dessas associações no cotidiano da cidade.

Portanto, refletir se o papel que desenvolveram esteve em acordo com os preceitos morais e políticos da época ou se destoavam do imperativo que determinava o lar como espaço feminino, nos possibilita compreender os conflitos e posturas ambíguas dessas mulheres diante de si mesmas, dos homens e da sociedade. Nesse sentido, a perspectiva dos estudos de gênero e História de Mulheres também nos faz questionar até que ponto a atuação social das mulheres de elite foi restringida pela normatização e disciplinarização social daquele período. A experiência das mulheres das associações femininas pode revelar que, ao contrário do que defende Maria Ângela D’Incao²⁰, muitas mulheres da elite não se limitaram a representar um capital simbólico para a exposição da autoridade familiar de seus esposos, mas ousaram elas mesmas atuar nos espaços públicos.

Os trabalhos que essas mulheres desenvolveram, interferiam diretamente no cotidiano de Itabuna, e representaram também uma espécie de posicionamento diante dos problemas sociais mais evidentes, como a retirada de mendigos das ruas para incluí-los no programa de ajuda da Casa dos Mendigos. Nesse sentido, cabe pensar se essas associações femininas expressavam mesmo a aspiração autonomista das mulheres ou se serviram apenas para intensificar o projeto de controle social da elite local. Apesar de não serem reconhecidas como uma

¹⁹ FÁLCON, Gustavo. *Os coronéis do cacau*. Salvador: Centro editorial e didático da Universidade Federal da Bahia/ Ianamá, 1995.

²⁰ D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: *História das Mulheres no Brasil*. Org.: Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2006.

associação política, sua experiência nos leva a refletir em que medida contribuíram para a efetivação do projeto político implementado pelos órgãos de poder.

Nessa perspectiva, esta pesquisa busca a compreensão dos papéis e das condutas desenvolvidas pelas mulheres pertencentes às associações femininas de Itabuna. Dessa maneira, torna-se crucial o entendimento e a utilização da categoria “gênero” que, por seu caráter relacional, termina “desnaturalizando as identidades sexuais formadas historicamente e difundidas como valores universais”²¹, isto é, analisando as experiências dessas mulheres em relação ao masculino, como também permite investigar de que maneira suas ações políticas, sociais e culturais contrastaram com as práticas das mulheres das camadas populares. Exemplo disso é discutir o posicionamento da Associação das Senhoras de Caridade e do Comitê Feminino do *Lions Clube* diante da política modernizadora instaurada pelo poder público municipal que visava “limpar” a cidade, regulando comportamentos e retirando das ruas mendigos, prostitutas e menores carentes. Esta categoria ajuda também a pensar se as relações de gênero desenvolvidas entre as mulheres da elite e as mulheres pobres se apresentavam antagônicas e conflitantes, ou demonstravam caráter paternalista, diante das diferenças sociais e culturais.

Márcia Maria da S. Barreiros Leite em *Socialização feminina: cultura e lazer da mulher de elite em Salvador na Primeira República* considera que a imagem da mulher reclusa em seu lar, devotada à rotina doméstica e desinteressada da política e da cultura, precisa ser superada nos trabalhos que abordam a temática de gênero. A autora afirma ainda que essa imagem está em desacordo com muitos comportamentos e vivências femininas no contexto da Bahia Republicana. Diversas mulheres realizaram atividades extra-domésticas, como os trabalhos assistencialistas, o que lhes rendeu um maior envolvimento com a esfera pública e, portanto, o engajamento em movimentos mais autônomos e independentes²². Criação de peças teatrais infantis que percorreram distritos, bazares, rifas e chás, natal dos pobres, campanha dos “cem sócios”, foram algumas das iniciativas das associações femininas de Itabuna no desenvolvimento de seu trabalho social, tido como dever, ao tempo que também representavam o rompimento com alguns padrões de comportamento da época, já que ampliavam seu espaço de atuação na sociedade.

²¹ MATOS, Maria Izilda S. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: *Cadernos Pagu* (11). Campinas: UNICAMP, 1998.

²² LEITE, Márcia M. S. B. *Socialização feminina: cultura e lazer da mulher de elite em Salvador na Primeira República*. In: *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar*. Salvador: UFBA, NEIM, 1998. p. 165.

Ainda de acordo com Barreiros Leite, o meio público, assim como a vida íntima das mulheres, se constituiu como um cenário privilegiado para acompanhar as mudanças de atitudes e condutas femininas, e perceber como as mulheres exerceram papéis variados e de que forma construíram suas próprias sociabilidades, inclusive se inserindo no espaço fortemente marcado pela atuação masculina, o público.

Nesse aspecto, a historiadora Rachel Soihet afirma que na primeira metade do século XX muitas mulheres engajadas nas lutas por direitos civis e políticos utilizaram táticas próprias de sujeitos submetidos a relações desiguais de poder, como em muitos casos em que ratificaram os estereótipos de mãe e esposa dedicadas, sem perder de vista a saída ao espaço público para ter acesso à educação e a formação política. Assim, embora parecessem aceitar as diretivas estabelecidas sobre sua condição, buscavam a ampliação de seu espaço de atuação social, quase impossível de outra forma²³.

A reflexão feita por Rachel Soihet sobre a atuação das mulheres engajadas nas lutas pela participação feminina no espaço público nos dá pistas acerca do papel que pode ter sido desenvolvido pelas mulheres das associações femininas em Itabuna na segunda metade do século XX. Consta no Jornal *Diário de Itabuna* de março de 1959 uma nota sobre a criação do Clube das Mães por iniciativa das Senhoras do *Lions Clube* e do *SEAC*. O texto diz

*O referido Clube será supervisionado pelas senhoras do Lion's Club e terá como finalidade a proteção e assistência à Maternidade e à Infância em geral, velando pela saúde, o bem estar e as necessidades da criança, bem como orientação às mães nos seus problemas morais, seus direitos e deveres para com a família*²⁴.

Uma leitura inicial da fonte acima sobre a atuação das Senhoras do *Lions Clube* em Itabuna pode sugerir a ligação dessas mulheres com atividades identificadas com o projeto político conservador e, ao mesmo tempo, consideradas adequada à suposta “natureza feminina”. No entanto, uma leitura mais apurada talvez possa evidenciar uma mescla de posturas e atitudes que variavam da reafirmação dos valores sociais hegemônicos à contestação do lugar social da mulher – como o doméstico, por exemplo –, bem como simbolizar um avanço no que diz respeito à sua interferência direta nos problemas daquela sociedade.

As associações femininas também pareciam interessadas em divulgar seus trabalhos à sociedade por meio da imprensa. Além de serem acompanhadas pelo Poder Público e pelos Clubes dos quais faziam parte, sua atuação pública fazia eco nos meios de comunicação da

²³ SOIHET, Rachel. *Op. Cit.*, p. 3.

²⁴ APMIJD – Jornal *Diário de Itabuna*. 7 de março de 1959. Ano II. Nº. 351. p. 1.

cidade, especialmente nos jornais. Segundo, Jean Pierre Rioux, até as mais inexpressivas organizações sociais conseguiam de alguma forma difundir seu ideal e, por isso, acabaram deixando marcas, tornando legíveis suas atividades²⁵.

No caso das associações femininas de Itabuna, a recorrência com que buscavam os jornais parecia ser uma forma de expressarem-se publicamente, imprimindo às suas ações um caráter de respaldo social, tentando de alguma maneira interferir na opinião pública sobre os assuntos que achavam pertinentes de serem discutidos, nesse caso, a situação social da cidade. No jornal *Diário de Itabuna* de março de 1963, elas falam sobre as dificuldades econômicas que atravessavam a Casa dos Mendigos

A quem recorrer? A todos. (...) Ou tudo isso se faz em um trabalho harmônico ou só haverá um jeito; fechar a Casa dos Mendigos, que a cruz é pesada demais para as senhoras que a sustentam, deixando seus afazeres domésticos para angariar o indispensável à manutenção da casa que abriga tanto mendigos. Será vergonhoso, vê-los soltos pelas ruas, desamparados, aumentando a miséria já existente, mas se assim quer o povo, assim seja²⁶.

O trecho acima parece indicar que a motivação dessas mulheres estava tanto em desenvolver um trabalho social, quanto na possibilidade de não se encerrar nas tarefas de casa. Ainda que não expresse claramente em suas declarações, o desejo de atuar fora dos limites do lar estavam em evidência em suas posturas e comportamentos. Suas práticas sociais denotavam uma idéia de responsabilidade social e faziam parte de uma experiência que embora permeadas de valores conservadores e tradicionais, marcaram uma nova forma de conscientização das mulheres e do papel delas em relação à saúde, à educação e à filantropia na sociedade itabunense. Desta maneira, longe de atuarem no cenário tradicional da militância feminista, a participação das mulheres em associações de caridade sinalizavam um outro modo de atuarem no espaço público e, junto a isso, de serem reconhecidas como sujeitos ativos na sociedade itabunense.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Philipe M. S. de. *A invenção de Itabuna: reformas urbanas e construção de progresso*. Manuscritos, Ilhéus: UESC, 2006.

²⁵ RIOUX, Jean Pierre. A associação em Política. In: *Por uma História Política*. Org. René Remond; Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

²⁶ APMIJD – Jornal *Diário de Itabuna*. 8 de março de 1963. Ano VI. Nº. 872. p. 4.

- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: *História das Mulheres no Brasil*. Org.: Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2006.
- FALCON, Gustavo. *Os Coronéis do cacau*. Salvador: Centro editorial e didático Universidade Federal da Bahia/ Ianamá, 1995.
- FERREIRA, Mary. *Mulher e política no Maranhão*. In: Os poderes e os saberes das mulheres: a construção do gênero. São Luís: EDUFMA, 2001.
- FREITAS, Antonio Fernando G. de. *Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul*. Ilhéus: Editus, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Org.: Rachel Soihet, Maria B. Bicalho e Maria de Fátima S. Gouvêa. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 21-44.
- LEITE, Márcia Maria da S. Barreiros. *Entre a tinta e o papel: memória de leituras e escritas femininas na Bahia (1870 – 1920)*. Salvador: Quarteto, 2005.
- _____. Socialização feminina: cultura e lazer de elite em Salvador na Primeira República. In: *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar*. Salvador: UFBA, NEIM, 1998.
- MATOS, Maria Izilda S. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: *Cadernos Pagu* (11). Campinas: UNICAMP, 1998.
- MENDES, Helena. *Figuras e fatos de Itabuna*. Rio de Janeiro: Barthel, 1967.
- PERROT, Michelle. *Une histoire des femmes est-elle possible?* Paris/Marsille: Rivages, 1984.
- RIOUX, Jean Pierre. A associação em Política. In: *Por uma História Política*. Org. René Remond; Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- SOIHET, Rachel. Transgredindo e Conservando, mulheres conquistam o espaço público: a contribuição de Bertha Lutz. In: *Estudos Feministas*, Labrys: Brasília, n.1-2, s.p. jul.-dez. 2002.
- SOUSA, Erahsto F. *Conceição em Retalhos de Cidade, margens e dono: Uma Itabuna-Ba nos territórios subalternos (1950-55)*. Monografia de Grad. Ilhéus: UESC, 2007.